

# Força feminina

Thaís Mallon

**Cris Pereira, cantora, sambista e mestre em história cultural pela UnB**



A música também representa um forte elo com a ancestralidade. O samba, embora sem data de surgimento definida, tem registros que datam mais de 100 anos de presença no Brasil. O gênero tem origem na cultura africana e se caracteriza não só pelos inconfundíveis batuques, mas também pela dança ritmada que costuma acompanhar o som.

Sambista, cantora e mestre em história cultural pela Universidade de Brasília (UnB), Cris Pereira conta que, além de fazer parte da memória coletiva da nação, o samba perpassa sua trajetória pessoal. Nascida em uma família que valoriza a música e com origem carioca e capixaba, canta desde cedo.

Cris começou a soltar a voz em corais, durante o começo da infância e boa parte da adolescência, depois integrou a banda Bascada de Bamba e, oficialmente desde 2005, produz composições autorais e independentes. Em 2013, lançou seu primeiro disco, o *Folião de Raça*, que conta com participação de Dona Ivone Lara, primeira mulher a assinar um samba-enredo e uma das maiores referências pessoais e musicais de Cris.

O álbum foi indicado ao Prêmio da Música Brasileira e, com 13 canções, demarca o posicionamento de Cris em defesa do samba e da cultura

brasileira. Com liberdade para construir seu repertório original, a cantora traz diferentes instrumentos e ritmos para dividirem espaço com sua voz. Por ter uma relação próxima com o jazz, a artista também trouxe alguns elementos do gênero para suas produções.

No mestrado, o foco dos estudos foi na cantora e compositora Leci Brandão, outra inspiração artística e política para Cris. Segundo a sambista, a possibilidade de conhecer e acompanhar o trabalho de artistas com realidades parecidas a auxilia a moldar sua forma de ver o mundo e na certeza de que a vida negra é inegociável. Afirmo, também, que o samba carrega consigo muitas mensagens e elementos que refletem de forma profunda a cultura brasileira.

Com presença em diversas rodas de conversa e debates, expandindo seu impacto além da música, participou, em 20 de novembro, do Festival Tardezinha do Samba, que descreve como “uma conversa potente com mulheres que admiro muito e que são feitas de samba sobre mulheres que fazem samba”. Em seguida, em 23 de novembro, fez parte do debate Mulheres no Samba: Vozes e Elos Matriarcais.

“É importante reforçar o papel da mulher no samba, pois sempre o ocupamos e ocuparemos”, afirma. Para a também historiadora, se,

por acaso, houvesse alguém que acabasse com os registros históricos, o samba ainda poderia ser usado como canal para contar a história do país, pois, desde seu início, ele tem o compromisso em repercutir a memória, falar das cidades, da culinária e dos hábitos.

“O samba nos ajuda a estruturar quem somos como povo brasileiro”, explica. Cris afirma que é sempre importante trazer diversos elementos para ensinar história, e a música pode ser um a ser utilizado. “O samba faz parte do nosso sangue, do nosso DNA. Tem ancestralidade que precisa ser preservada”, completa.

Essa preservação apontada pela musicista não é somente no campo da admiração e do consumo das produções, mas, sim, no respeito e na luta antirracista. Um exemplo citado pela cantora é o tratamento diferenciado em festivais com os grupos de samba, que recebem desdém e menos reconhecimento.

Cris aponta a situação como racismo institucional, que ocorre de forma sistemática e no campo simbólico. Portanto, recomenda que o Dia da Consciência Negra e todo o ano sirvam para pensar verdadeiramente o que significa o marco e nunca perder de vista o combate ao racismo e a construção de um país mais justo e melhor para todos.